

ESCULPINDO MEMÓRIAS: (RE)DESCOBRINDO ISMAEL DE BARROS NO ACERVO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Celina Rosa Santana¹
Isabella D'Eça Almeida²
Mauro Lúcio da Silva Júnior³
Tuane Carneiro Bugary Teles⁴

Resumo: Frequentemente trajetórias de personalidades que influenciaram movimentos artísticos e práticas culturais são evidenciadas por meio de pesquisas e publicações acadêmicas. Dessa forma, esta pesquisa tem por finalidade investigar a trajetória artística de Ismael de Barros por meio do conjunto de obras em suporte de gesso de sua autoria que compõem o acervo do Memorial Artístico e Histórico da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (MAH/EBA/UFBA). A análise busca destacar as suas influências artísticas, suas contribuições como artista e professor, e a importância de suas obras na preservação da memória artística e histórica da instituição de ensino superior. A investigação adota uma abordagem qualitativa, com ênfase na análise de fontes primárias, como documentos e registros da época. Os resultados demonstraram que a falta de sistematização e divulgação das informações sobre o artista e suas obras contribuíram, ao longo do tempo, para o seu gradativo esquecimento institucional. Assim, a pesquisa busca contribuir para a valorização e preservação de um patrimônio cultural pertencente à Universidade, promovendo uma reflexão mais ampla sobre o impacto de sua obra na arte e no ensino da arte na Bahia.

Palavras Chaves: Ismael De Barros. Acervo Artístico. Acervo Universitário. Patrimônio Cultural Universitário.

¹Universidade Federal da Bahia (UFBA). Local de atividade: Escola de Belas Artes da UFBA. Formação acadêmica: Mestranda do programa de pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA); Restauradora, ocupante do cargo de técnica em restauração ligado ao Setor de Restauração do Memorial Artístico e Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA. E-mail: celina.rosa@ufba.br.

²Universidade Federal da Bahia (UFBA). Formação acadêmica: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA); Bacharelado e Licenciatura em História pela UFBA. E-mail: isabella.dalmeida@yahoo.com.br.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA). Formação acadêmica: Graduando em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). Estagiário ligado ao setor de restauração do Memorial Artístico e Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA. E-mail: contatomaurolucio@gmail.com.

⁴ Universidade Federal da Bahia (UFBA). Formação acadêmica: Graduanda em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). Estagiária ligada ao Setor de Restauração do Memorial Artístico e Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA. E-mail: tcbteles@gmail.com.

ESCULPIENDO MEMORIAS: (RE)DESCUBRIENDO ISMAEL DE BARROS EN EL ACERVO DE LA ESCUELA DE BELLAS ARTES DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE BAHIA

Resumen: *Frecuentemente las trayectorias de personalidades que influenciaron movimientos artísticos y prácticas culturales se evidencian por medio de investigaciones y publicaciones académicas. Es así, que esta investigación tiene por objeto, indagar en la trayectoria artística de Ismael de Barros a través del conjunto de obras de su autoría soportadas en yeso que conforman la Colección del Memorial Histórico Artístico de la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Bahía (MAH-EBA-UFBA). El análisis, busca resaltar sus influencias artísticas, sus aportes como escultor y docente, así como la relevancia de sus trabajos en la preservación de la memoria artística e histórica de esta institución de educación superior. La investigación, adopta un enfoque cualitativo, con énfasis en el análisis de fuentes primarias, como documentos y registros de la época. Los resultados demostraron, que la falta de sistematización y difusión de información sobre Ismael de Barros y sus obras, contribuyó con el tiempo a su paulatino olvido en el contexto institucional. De otra parte, la reflexión busca contribuir a la valoración y preservación del patrimonio cultural perteneciente a la Universidad, promoviendo una perspectiva más amplia sobre el impacto de su trabajo en el arte y la enseñanza del arte en Bahía.*

Palabras clave: *Ismael de Barros. Colección Artística. Colección Universitaria. Patrimonio Cultural Universitario.*

ESCULPINDO MEMÓRIAS: (RE)DESCOBRINDO ISMAEL DE BARROS NO ACERVO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Introdução

Os mestres não envelhecem, permanecem se a morte os leva, prosseguem vencendo o tempo enquanto vivos. Essa é a lição que nos ensina mestre Ismael de Barros, com talento e ofício, com sabedoria e amor (Amado, 1945).

É comum, na literatura acadêmica, publicações que retratam as trajetórias de personalidades que influenciaram movimentos artísticos e práticas culturais. Estas publicações servem como uma ponte para compreender melhor as vidas, as motivações e as obras desses indivíduos, além de contextualizar as suas criações em termos de influências, de técnicas e de impacto cultural. No caso de Ismael de Barros (1898 – 1993), esse tipo de estudo se torna ainda mais relevante, dado o pouco material disponível sobre a sua obra e trajetória, o que reforça a necessidade de investimento em pesquisas e publicações buscando preencher essa lacuna.

A ideia para a realização de um artigo sobre Ismael de Barros surgiu dentro do Setor de Conservação e Restauro de Obras de Arte Professor Doutor José Dirson Argolo da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA) durante as reflexões para a elaboração de uma exposição com algumas das obras assinadas pelo artista, que estão sob a guarda da instituição. Diferentemente de uma exposição sobre as técnicas ou a trajetória de um artista, o objetivo desta mostra era destacar as personalidades retratadas por ele, apresentando as histórias e o contexto de vida dessas figuras. No entanto, devido à escassez de informações sobre as obras e à ausência de documentos que comprovem a identidade de cada retratado, a execução da exposição tornou-se inviável, resultando em seu cancelamento. Apesar disso, o processo de pesquisa para a exposição possibilitou a reunião de documentos importantes que ajudaram a conhecer um pouco mais sobre o artista Ismael de Barros. Por essa via, buscando nas minúcias das suas práticas artísticas, seguindo o rastro de pistas e vestígios que, por vezes frágeis, auxiliassem no descortinar da sua trajetória, percebeu-se que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 1989, p. 177)

A descoberta e a organização de fontes como os documentos e as obras presentes no acervo da EBA/UFBA são essenciais para a construção de uma narrativa

histórica sobre este indivíduo, e contribui para lançar um olhar mais aprofundado sobre ele, especialmente quando há uma lacuna de informações sobre as contribuições deste artista. Ismael de Barros, cuja trajetória se entrelaça com uma parte significativa da história da Escola de Belas Artes, atuou como aluno e, posteriormente, como professor da instituição, além de ter deixado um volumoso conjunto de obras, resultado de sua produção que hoje, uma parte, se soma ao acervo artístico e histórico da EBA/UFBA.

O intenso estudo do campo de atuação do sujeito é um imperativo para compreensão das suas agências pessoais e profissionais, com a articulação das suas subjetividades e os contextos sociais dos quais participava enquanto aluno, artista e professor, no caso de Ismael. Numa abordagem bourdieusiana (2003), a análise das relações entre o artista e as forças existentes nas arenas sociais oferece uma profícua percepção sobre sua trajetória e sociabilidades dentro e fora do cenário acadêmico.

Salienta-se que, apesar da sua extensa produção e contribuição na formação de diversos artistas, a história de Barros e sua obra permanecem sub-representadas na literatura acadêmica sobre a arte baiana e brasileira. Com base nisso, a pesquisa sobre Ismael de Barros não só contribui para a valorização do patrimônio cultural universitário (Ribeiro; Segantini; Granato, 2019)⁵ presente na EBA/UFBA, mas também enriquece o campo acadêmico artístico, contribuindo para reflexão sobre a preservação de acervos em gesso que muitas vezes é visto como um suporte de pouca relevância. Dessa forma, o presente artigo justifica-se pelo desenvolvimento de pesquisas e de divulgação sobre a vida e obra de Ismael de Barros com o intuito de destacar a sua importância para a preservação da memória artística da Bahia e, por consequência, da sua história em relação à Universidade.

Diferente do proposto para a exposição, a pesquisa tem por objetivo levantar dados sobre a trajetória artística de Ismael de Barros, por meio do conjunto de obras do artista em suporte gesso que se encontra na instituição, buscando com isso identificar como se deu a reunião de obras de Ismael de Barros dentro do acervo da EBA/UFBA e a sua relevância para a preservação da memória artística regional e institucional. Ao fazê-lo, espera-se contribuir para a valorização e reconhecimento de Ismael de Barros como um importante professor e artista de sua época e suas obras como um ponto para o enriquecimento do campo de estudos sobre a história da arte na Bahia e sobre a formação de um patrimônio cultural universitário.

⁵ Segundo os autores, o patrimônio cultural universitário “compreende todos aqueles bens, tangíveis e intangíveis que fazem referência ao sistema de valores, modos de vida e função social das universidades” (Ribeiro; Segantini; Granato, 2019, p. 51).

Para tanto, a pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, que segundo Godoy (1995), analisa o objeto pesquisado a partir do seu contexto, captando informações de forma integrada, acessando os agentes envolvidos e coletando dados a partir de diferentes caminhos. O estudo de caso aqui presente utiliza-se principalmente da análise de fontes primárias, como os documentos pertencentes ao arquivo histórico da instituição, jornais e notícias da época e uma análise do acervo de obras do artista pertencente à EBA/UFBA. Foram consideradas fontes orais obtidas por meio de depoimentos, recurso que possibilitou complementar as informações documentais, ampliando a compreensão sobre o contexto do conjunto de obras de Ismael de Barros na EBA/UFBA. Essas etapas permitiram traçar um paralelo entre as diversas fontes, a fim de verificar a importância desse escultor e de suas obras no acervo da instituição.

Documentar a trajetória de Ismael de Barros através de um artigo acadêmico é uma forma de preservar e divulgar não apenas sua técnica e legado, mas também sua relevância na formação de uma memória artística, cultural, política, regional e institucional vinculada à UFBA.

Panorama histórico da EBA/UFBA

A Academia de Belas Artes da Bahia foi fundada pelo pintor espanhol Miguel Navarro y Cañizares em 17 de dezembro de 1877, tendo o seu fundador chegado à cidade de Salvador apenas um ano antes, em 1876. O contexto histórico e artístico da época foi fundamental para moldar tanto a estrutura pedagógica quanto a constituição inicial do que hoje compõem o acervo histórico e artístico da escola.

Naquele período, a metodologia de ensino das artes baseava-se na tradição acadêmica europeia desenvolvida inicialmente na Itália durante o século XVI, nas primeiras academias de arte, entre elas Academia e Companhia das Artes de Desenho de Florença, fundada por Giorgio Vasari e a Academia de São Lucas de Roma, tendo grande expressão através da Academia Real de Pintura e Escultura francesa fundada já no século XVII em 1648, inspirando a criação de outras academias, sendo difundida ao redor do mundo. No Brasil, a missão francesa liderada por Joaquim Le Breton foi responsável pela difusão deste método, que consiste em uma normatização técnica de padrões rígidos de estudos, guiados entre outras coisas, pela produção de cópias de esculturas, pinturas e gravuras, tendo como referências obras da antiguidade clássica

greco-romana, estudos com modelo vivo e réplicas de esculturas feitas em gesso (Fernandes, 2019).

Para Hans-Ulrich Cain⁶ (s.d.), diversos são os motivos para o uso de réplicas em gesso como material de estudo nas academias de arte e a criação de coleções de gesso destinadas a museus e universidades. Acreditava-se que era preciso moldar o estilo e o gosto dos artistas em formação de acordo com o conceito de beleza e harmonia da antiguidade clássica europeia, e o uso de esculturas em gesso era uma forma de democratizar o acesso a obras de difícil contato por estarem em museus ou em coleções particulares. Além disso, a réplica de gesso por ter superfície uniforme, cor branca e fosca permite um olhar direto à forma plástica, sem desvio para as peculiaridades da coloração, do brilho e da textura de obras produzidas em mármore ou em bronze.

A Academia de Belas Artes da Bahia foi criada seguindo esses moldes de ensino das artes. Baltieri (2019) destaca que a primeira encomenda para aquisição de cópias e réplicas em gesso de obras clássicas vindas da França foi registrada em 1878. Foram esses modelos que, por mais de oito décadas, serviram como material didático do ensino das artes na Bahia e foi um dos alicerces sobre o qual a Escola de Belas Artes começou a construir a sua identidade artística e educacional.

Juarez Paraíso (2010) avalia que as aquisições das cópias em gesso foi um marco para a escola. Essas obras, encomendadas em Paris, proporcionaram um recurso que permitiu aprofundamento no estudo das proporções e das formas em um nível elevado, preparando os estudantes tanto para as demandas do mercado artístico quanto para a própria academia.

Ao longo da sua história, a instituição passou por importantes transformações, como a mudança da denominação de Academia de Belas Artes da Bahia para Escola de Belas Artes da Bahia em 1891; introdução da Escola na Universidade da Bahia (UBA)⁷ em 1947; transferência da sede, outrora localizada no Solar Jonathas Abbott, Pelourinho, para a região do Canela em 1969. Nesse processo de múltiplas mudanças, Paraíso relata que, em meados do século XX, uma ala mais jovem da Escola passou a questionar o modelo de ensino tradicional empregado. Essa nova ala propunha uma metodologia de ensino que priorizasse os processos criativos sobre as práticas de cópia dos modelos clássicos. Tal movimentação e debates culminaram, em 1969, na ruptura com a tradição

⁶ Hans-Ulrich Cain foi chefe do Instituto de Arqueologia Clássica e diretor do Museu de Moldes de Estátuas Clássicas da Alemanha, foi professor de arqueologia clássica na Universidade de Leipzig.

⁷ A Universidade da Bahia (UBA) foi criada pelo Decreto Lei nº 9155 de 8 de abril de 1946, sendo federalizada pelo Decreto Lei nº 1254 de 4 de dezembro de 1950 quando recebeu a atual nomenclatura Universidade Federal da Bahia.

acadêmica, introduzindo as práticas pedagógicas modernas na EBA/UFBA (Paraíso, 2010).

Essa modificação do pensamento acadêmico levou ao questionamento sobre o uso das obras em gesso na sala de aula. Esse conjunto de objetos, que antes era central para o processo de ensino, passou a ser visto como um resquício de um método que não mais atendia às novas demandas criativas e contemporâneas. Sem uma função efetiva e uma estrutura pensada para sua preservação, os objetos foram relegados ao abandono (Paraíso, 2010), depositados em diversos espaços da Escola.

A reavaliação do papel das obras em gesso na EBA/UFBA se deu apenas anos depois. O reconhecimento das peças de gesso como patrimônio não apenas se deu pela sua importância histórica, mas também pela necessidade de preservar a memória da Escola e de sua contribuição para a formação de inúmeros artistas. Este reconhecimento foi impulsionado por iniciativas visando a valorização desse material como um patrimônio (Paraíso, 2010).

Paraíso pontua também que a gestão da artista plástica Márcia Magno, a partir de 1988, foi crucial para a mudança em relação ao tratamento institucional das obras em gesso. Para o autor, foi na gestão de Magno que houve um investimento na busca para recuperar documentos e restituir a memória institucional da EBA/UFBA, buscando preservar e revitalizar o casarão histórico da Escola e seus diversos acervos, incluindo as obras em gesso.

Embora houvesse essa preocupação mencionada por Paraíso desde o final da década de 1980 em preservar o acervo, isso não se concretizou em ações efetivas. Somente após 2003⁸, na gestão subsequente a Márcia Magno, a Escola recebeu uma profissional da área de restauração para atuar diretamente com o acervo da instituição. Nesse período, as obras ainda estavam dispersas em muitos ambientes da própria Escola, e somente a partir de 2006 novos encaminhamentos foram direcionados, iniciando assim um trabalho de pesquisa sobre a temática e suporte desse material para realização de intervenções de restauração.

A partir desse período houve um grande incentivo, por meio da nova gestão, para pensar a preservação das obras de gesso da Escola. Entretanto, o incentivo também não foi o suficiente para um apoio institucional adequado, acarretando interrupções

⁸ Relato cedido em 27 de agosto de 2024 pela Rosana Rocha Baltieri, ocupante do cargo restauradora-área da EBA-UFBA, tratando da doação feita pelo Ângelo Decânio, sobrinho de Ismael, em 2007.

constantes das atividades suscitadas pela falta de espaço que acomodasse o acervo, dentre outras questões.

Ainda que enfrentasse dificuldades ao longo das décadas, a partir de 2014, o apoio de um dos professores da Escola possibilitou a implementação de estágios supervisionados de alunos juntamente ao setor de restauração, dando prosseguimento ao projeto que vem sendo continuado até os dias atuais.

É importante destacar também que o olhar sobre o antigo material didático constituído pelas cópias em gesso contribuiu significativamente para a formação de um acervo de obras com esse suporte na EBA/UFBA, espaço denominado de Gipsoteca. Este espaço inclui, não apenas as peças oriundas da França, mas também outros trabalhos como as cópias produzidas na própria Escola por seus alunos e mestres, a exemplo de peças assinadas por Márcia Magno, Nanci Novais, Augusto Buck, e os bustos, os medalhões e as placas de autoria do escultor Ismael de Barros.

A herança artística de Ismael de Barros: da fotografia à escultura

Dentre tantos nomes que compõem e contribuíram para o cenário artístico baiano, para o ensino das artes na EBA/UFBA e para a criação de um acervo artístico e histórico da Escola, encontra-se o nome de Ismael de Barros. Um baiano cuja trajetória artística e acadêmica contribuiu para a história da instituição. Nascido em 02 de junho de 1898 na Bahia, filho de Arlinda Guimarães de Barros e Agripiniano Barros. O artista foi morador do bairro da Saúde⁹, local vizinho onde se instalava a antiga Academia de Belas Artes da Bahia (ABAB) naquela época.

A família Barros tem ligações com a ABAB desde o seu início por meio de seu pai, Agripiniano Barros, pernambucano nascido em 1862 na cidade de Floresta. Agripiniano mudou-se ainda criança para Bahia e em Salvador teve considerável atuação na referida academia de artes onde lecionou disciplinas como desenho linear, geometria descritiva e desenho figurado. Atuou também em diversas áreas como a arquitetura e música, sendo nesta última professor no Conservatório de Música da Bahia, na época vinculado à ABAB (Quirino, 1911). Essa influência paterna certamente contribuiu tanto no aspecto acadêmico quanto artístico da trajetória de Ismael.

⁹ Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA), Cx. 222, Classif. Pastas de Professores - Inativos, 7. Ismael de Barro.

Considerado como um escultor talentoso, Ismael destacou-se pela perfeição técnica de suas obras (Amado, 1945), dando início aos estudos aos 20 anos na antiga ABAB. Documentos do arquivo histórico da EBA¹⁰ registram que sua formação acadêmica na instituição ocorreu em dois períodos distintos: o primeiro entre 1918 e 1920, e o segundo de 1928 a 1930, quando obteve o título de escultor.

A formação artística de Ismael também foi marcada pela influência do escultor italiano Pasquale De Chirico (1873 – 1943), de quem foi discípulo e amigo. A proximidade entre mestre e discípulo se deu de tal maneira que algumas obras de De Chirico chegaram a ser confundidas com as de Ismael. Após a morte de Pasquale, Ismael assumiu a responsabilidade de concluir algumas das obras inacabadas do italiano, como o monumento ao Padre Manoel da Nóbrega¹¹, inaugurado em 1943, e o busto do Bispo Sardinha¹², de 1944 (Ferrante, 2014). Essa continuidade artística não apenas consolidou Ismael como um sucessor da tradição escultórica na Bahia, mas também o destacou como professor, herdeiro da cadeira de Pasquale e mestre de novos artistas, como a exemplo da professora Márcia Magno, que se especializou na modelagem e produziu inúmeras obras públicas em bronze.

Ainda sobre a sua formação, Roberto Pontual (1969) no Dicionário das Artes Plásticas no Brasil destaca que Ismael também frequentou a antiga Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro, embora o autor não mencione o período exato dessa formação. Saliencia que, ao retornar a Salvador, Ismael tornou-se professor da Escola Técnica do Salvador¹³, onde lecionou desenho industrial, e da Escola de Belas Artes. Nesta última, assinou termo de juramento e posse¹⁴ no dia 22 de janeiro de 1944, assumindo os cargos de professor efetivo na cadeira de modelagem e de professor interino na cadeira de escultura.

O início da vida profissional artística de Ismael inclui também o trabalho com a fotografia. Segundo Fath (2020), essa relação começou quando Agripiniano Barros, seu pai, o apresentou ao fotógrafo português Pedro Gonsalves da Silva em 1919. Ismael

¹⁰ Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA), Cx. 222, Classif. Pastas de Professores - Inativos, 7. Ismael de Barros.

¹¹ O monumento ao padre jesuíta, outrora localizado no Terreiro de Jesus, Pelourinho, atualmente está em frente à Igreja da Ajuda.

¹² O monumento ao padre jesuíta, outrora localizado no Terreiro de Jesus, Pelourinho, atualmente está em frente à Igreja da Ajuda.

¹³ A Escola Técnica do Salvador teve sua origem na Escola de Aprendizes Artífices criada pelo decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, com objetivo de oferecer educação profissional para a população em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A instituição atualmente corresponde ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA.

¹⁴ Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA), Envelope 327, Livro - Termos de Empossamentos dos Professores Nomeados pela Congregação da EBA Bahia - 1924 a 1952, pág. 49.

passou a trabalhar com ele, conciliando as atividades fotográficas com seus estudos na ABAB. Colaborou também com outros importantes fotógrafos na Bahia, como Jonas da Silva, na Foto Jonas, e Trajano Dias, com quem trabalhou até 1929 (Fath, 2020). Inclusive entre o conjunto de obras aqui estudadas há uma fotografia retratando Arlinda Guimarães de Barros, mãe de Ismael (figura 1), que possui a assinatura de Trajano Dias, como mostra a figura 2.

Figura 1: Retrato de Arlinda Guimarães.



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores.

Figura 1: Detalhe da assinatura de Trajano Dias



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores.

Entre as realizações fotográficas de Ismael, destaca-se a fotografia do Mestre Manoel Silvestre Lopes Rodrigues¹⁵ (1859 – 1917) (figura 3), provavelmente do início do século XX, pertencente ao Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes (AHEBA). Segundo Fath (2020), este é o único registro fotográfico conhecido dessa personalidade.

Figura 2: Retrato Manoel Lopes Rodrigues



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores.

Outro trabalho do artista envolvendo a fotografia e que merece destaque é a montagem retratando a própria família do artista (figuras 4, 5 e 6), desenvolvida ainda enquanto aluno da ABAB em 1928.

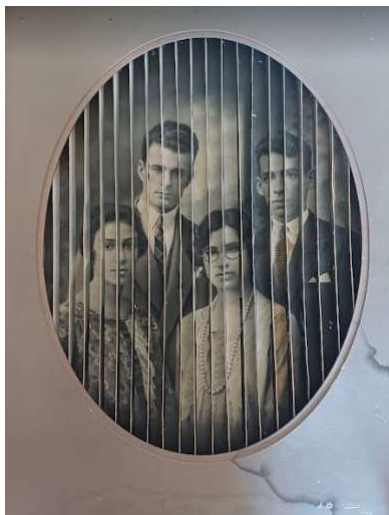
¹⁵ Manoel Lopes Rodrigues foi professor do Lyceu de Artes e Offício e da ABAB.

Figura 4: Visão da lateral direita da montagem



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores

Figura 5: Visão da central da montagem



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores

Figura 6: visão da lateral esquerda da montagem



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores.

Segundo Fath (2020), esta obra demonstra a habilidade e originalidade de Ismael fugindo aos padrões convencionais da fotografia da época. Esta obra, que em 2028 completará 100 anos, se destaca pelo uso da técnica denominada perspectiva anamórfica, que se constitui na deformação ou na manipulação da imagem que obriga o espectador a estar numa posição específica para a total compreensão da cena representada. Fath descreve a obra da seguinte maneira:

O trabalho foi montado com três imagens, de modo que, ao fundo, uma fotografia compusesse uma base frontal e sobre ela colada, de forma sequencial, uma estrutura composta por uma série de pedaços de papelão vertical, com a mesma dimensão, proporciona nos dois lados a junção de mais duas fotografias respectivamente. O conjunto de imagens visto de frente apresenta quatro jovens elegantemente vestidos: dois rapazes ao fundo e duas moças no primeiro plano. Ao nos distanciarmos da imagem, percebemos que mais duas imagens aparecem sucessivamente: o perfil de um homem e o perfil de uma mulher. Identificamos o homem como Agripiniano Barros e, a partir dessa informação, pode-se afirmar que se trata de um retrato da família do próprio artista. Ele que, mais tarde, se tornou um dos mais importantes escultores na Bahia, nesse trabalho experimentou, de forma inovadora, a simulação tridimensional na fotografia. É notável, também, a influência da fotografia nas esculturas de Ismael de Barros, principalmente em suas peças de gesso em baixo relevo (Fath, 2020, p. 163).

Como abordado pela autora e analisando o conjunto de obras de Ismael presente no acervo da EBA/UFBA, é possível observar essa relação entre a fotografia e o processo de modelagem na produção de algumas de suas obras. Nessa associação o ato de fotografar pode se comparar ao uso das estecas¹⁶ ajudando no processo da modelagem da figura na argila, e o negativo remete a fôrma registrando a imagem que será revelada sobre o suporte em gesso e/ou bronze.

A fotografia pode ter sido utilizada como fonte para a aplicação de outras técnicas artísticas de Ismael, a exemplo da fotografia de seu pai, que possivelmente serviu de como referência para a produção da montagem fotográfica citada acima e um medalhão em gesso, como pode ser conferido nas figuras 7 e 8 a seguir.

¹⁶ Estecas são instrumentos em formatos de espátulas utilizados para modelagem na argila.

Figura 7: Retrato Agripiniano Barros



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores.

Figura 8: Medalhão em gesso Agripiniano Barros



Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA (AHEBA). Foto dos autores.

Jorge Amado observa um lado fraternal presente nas obras de Ismael, como pode ser verificado nos exemplos mencionados anteriormente, assim como nas obras referidas pelo próprio escritor como *Cabeça de Cordélia*¹⁷ referente a representação da esposa de Ismael e no baixo relevo com o rosto de Zélia Gattai¹⁸. As obras que retratam amigos e familiares refletem o que Amado identifica no trabalho de Ismael, percebendo

¹⁷ Obra que atualmente pertence ao acervo do Museu de Arte da Bahia - MAB.

¹⁸ Há uma cópia em gesso na EBA/UFBA e no Museu Afro-Brasil de São Paulo.

traços afetivos em suas criações, descrevendo-o como um “jovem coração a comandar as mãos que emprestam vida ao barro e ao bronze” (Amado, 1945, p.213).

Para além desses trabalhos mencionados pelo escritor baiano, há a obra intitulada Retrato de minha mãe, onde o artista retratou a Arlinda Guimarães. Esta obra, que pertence ao acervo da EBA/UFBA, participou do II Salão de Ala¹⁹ em 1938 ficando em segundo lugar na sua categoria. É relevante apontar também que publicações midiáticas noticiaram participações de Ismael em outros concursos e salões de arte. Destacam-se entre estes o primeiro lugar no concurso donativo Caminhoá de 1931, assim como a menção honrosa no Salão Nacional de Belas Artes em 1944, medalhas de bronze no Salão Nacional de Belas Artes de 1945 e no Salão Paulista de Belas Artes em 1946 (Torres, 1955).

Por meio de seu trabalho Ismael representou, sobretudo, inúmeras personalidades entre políticos, artistas, figuras de influência na sociedade baiana e professores. No cenário político da Bahia, Ismael revela em entrevista dada em 1978 que naquele período havia retratado todos os governadores desde Juracy Magalhães²⁰. Nesse ínterim, Barros também já havia sido convidado para retratar o governador em exercício naquele período (Brito,1978)²¹. o ex-reitor da UFBA Roberto Santos. Observando que há obras no acervo da EBA/UFBA assinadas pelo artista até 1985, é possível inferir que Barros retratou outros governadores que assumiram o governo depois de Roberto Santos.

¹⁹ O movimento ALA (Ala das Letras e das Artes) foi criado por iniciativa do professor da Escola de Belas Artes Carlos Chiacchio, juntamente com outros nomes relacionados à arte baiana. Este movimento, sob influência da Semana de Arte de 1922, foi iniciado em 1937 pelos Salões de ALA nas dependências da Escola de Belas Artes da UFBA e nos salões da Biblioteca Pública, ocorrendo até 1949. Além dos salões, o movimento possuía periódico próprio, o Jornal de ALA, sobre literatura e artes, assim como conferências, recitais e eventos que estimulavam uma produção artística local e amadora, chegando a ter apoio do governo do Estado (Flexor, 2011).

²⁰ Não há certeza se a referência dada pelo escultor é do primeiro ou do segundo mandato do político. Juracy Magalhães foi eleito governador da Bahia em dois períodos distintos: o primeiro mandato em 19 de setembro de 1931 até 10 de novembro de 1937; o segundo mandato em 7 de abril de 1959 até 7 de abril de 1963.

²¹ *Jornal A Tarde*, 22 de julho de 1978, pág. 3, caderno 2, Nº 21.788. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB).

Figura 9: Ismael esculpindo a cabeça em homenagem a Luiz Gama em 1951.



Fonte: Revista Arte na Bahia, 1966.

Figura 10: Cabeça de Luiz Gama em bronze na praça do Largo do Tanque, Salvador, BA, em 2024.



Fonte: Foto dos autores

Valadares (1967) aponta que as obras de Ismael estão presentes principalmente em cemitérios da cidade de Salvador, representadas por bustos, figuras, relevos em bronze. Entretanto, é possível localizar o seu trabalho também em outros pontos da cidade, como prédios comerciais, órgãos e praças públicas, a exemplo da cabeça de Luiz Gama, produzido pelo artista em 1951 (figura 9) e que hoje pode ser visto na atual praça do Largo do Tanque, bairro da Liberdade (Figura 10).

No âmbito desta pesquisa, foram localizadas peças produzidas por Ismael também no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB, no prédio da antiga Fundação Politécnica e, como menciona Valadares, no cemitério Campo Santo. Na UFBA suas obras podem ser encontradas em diversas unidades acadêmicas. Fortuna

(2017), ao analisar o Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia, lista algumas dessas obras do artista na instituição.

As efígies do Professor Edgard Rego Santos (1894 – 1962) Professor Catedrático, 1º Reitor da UFBA, datada de 1956, a do Professor Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (1870 – 1939) Professor Catedrático de Patologia Geral com a frase “Ao mestre Gonçalo Moniz homenagem e gratidão da Faculdade” colocada em março de 1940 (Torres, 1946), a do Professor Estácio Luiz Valente de Lima (1897 – 1984), colocada em 14 de dezembro de 1965 pela turma de médicos de 1956 são de sua autoria (Fortuna, 2017, pág. 40).

Como apontado pela autora, as peças representam personalidades de destaque na Universidade, como a efígie do primeiro Reitor Edgar Santos (figura 11) e de professores que tiveram grande relevância para o ensino dentro da Faculdade de Medicina, como Gonçalo Moniz (figura 12) e Estácio de Lima (figura 13).

Figura 11: Efígie Edgar Santos



Fonte: Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia. Foto dos autores

Figura 12: Efígie Gonçalo Moniz

Fonte: Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia. Foto dos autores

Figura 13: Efígie Estácio de Lima

Fonte: Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia. Foto dos autores

Para além da Faculdade de Medicina, encontram-se obras de Ismael nos halls de entrada da Faculdade de Direito, da Faculdade de Ciências Econômicas e do casarão da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA, nesta última estão as representações de Isaías Alves e Edgar Santos. Entretanto, esses são apenas alguns dos exemplos, podendo existir outras obras em outras unidades da UFBA. Vale destacar que há um desconhecimento da Universidade a respeito do quantitativo dessas obras. A identificação de algumas dessas peças só foi possível em visitas a estes locais, bem como em buscas virtuais por textos que se relacionam com o tema aqui analisado.

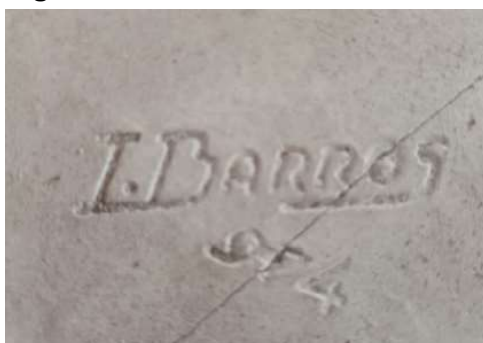
Ao contatar tais unidades para obtenção de mais dados sobre as obras, observa-se que há uma incongruência na identificação da atribuição de autoria das obras a Ismael de Barros. Uma das hipóteses levantadas para esta questão seria a própria assinatura do escultor, cuja grafia corresponde à abreviação do primeiro nome ficando no formato “I. Barros”. Além da abreviação, o escultor, por vezes, oscila entre uma grafia cursiva e imprensa, como trazem as figuras a seguir (figuras 14 a 19).

Figura 14: Detalhe da assinatura de Ismael de Barros.



Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores

Figura 15: Detalhe da assinatura de Ismael de Barros.



Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores

Figura 16: Detalhe da assinatura de Ismael de Barros.



Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores

Figura 17: Detalhe da assinatura de Ismael de Barros.



Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores

Figura 18: Detalhe da assinatura de Ismael de Barros.



Fonte: Acervo Faculdade de Direito. Foto dos autores

Figura 19: Detalhe da assinatura de Ismael de Barros.



Fonte: Acervo Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Foto dos autores

Essa questão levantada sobre a assinatura pode ser verificada analisando um projeto de pesquisa com o objetivo de levantar e mapear o acervo artístico e cultural da Universidade Federal da Bahia (Toutain; Cruz, 2023), onde foram localizadas algumas das obras citadas. Entretanto, observou-se que dois desses trabalhos têm autoria atribuída a “J.Barros”: um busto de Isaías Alves e uma placa com representação de Edgar Santos, ambos localizados na FFCH. A partir de visitas ao local e a análise comparativa das assinaturas é possível afirmar que a obra é de autoria de Ismael de Barros. Outras obras tidas como desconhecidas no referido levantamento e pertencentes à Faculdade de Direito foram identificadas como sendo de Ismael também durante as visitas realizadas para a construção da pesquisa.

Outra hipótese para a dificuldade de identificar os trabalhos do artista na instituição de ensino pode se relacionar com a falta de uma documentação específica da Universidade para o registro de seu patrimônio cultural universitário, o que dificulta a pesquisa, reconhecimento e arrolamento dessas obras.

Na Escola de Belas Artes, as obras de Ismael encontram-se sob a guarda do recém-criado Memorial Artístico e Histórico da Escola de Belas Artes (MAH/EBA). Em sua maioria são peças em suporte de gesso, e por este motivo estão concentradas na Gipsoteca, juntamente com as oriundas da França no século XIX.

A existência de peças em bronze e gesso de Ismael de Barros na EBA/UFBA e em outros espaços pode oferecer uma maior compreensão sobre o processo de produção do artista. As peças em gesso, em muitos casos, representavam uma etapa intermediária antes da fundição em bronze. Por exemplo, na Escola de Belas Artes, encontra-se uma efígie de Henriqueta Catharino em gesso, enquanto sua versão em bronze está exposta no Instituto Feminino da Bahia. O mesmo acontece com o busto de Bernardino José de Souza, cuja versão em gesso está na EBA/UFBA, enquanto o bronze

pertence ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Entretanto, não se pode afirmar que todas as peças em gesso do acervo foram destinadas à fundição em bronze.

O que, então, representam os gessos no processo de fundição? É importante frisar que a confecção de obras fundidas em bronze exigia do artista uma série de habilidades técnicas. Embora não seja possível determinar com exatidão como Ismael de Barros desenvolveu sua técnica, é possível traçar um paralelo com as etapas tradicionais da fundição artística em bronze, que segue “uma sequência relativamente constante” (Oliveira, 2012, p. 101).

Para o autor, esse processo envolve oito etapas: Criação e modelagem em argila; moldagem em gesso ou silicone que corresponde a 1ª moldagem; confecção de cópia em cera; moldagem refratária que seria a 2ª moldagem; deceragem e calcinação do molde refratário; fusão e vazamento do metal líquido; usinagem e tratamento da superfície que correspondente a 1ª fase de acabamento; e por último a pátina configurando a 2ª fase de acabamento (Oliveira, 2012). No caso de Ismael antes da terceira etapa apresentada pelo autor havia a confecção de uma peça em gesso, certamente é a parte que era enviada para a fundição.

No âmbito dessa pesquisa, não é possível afirmar se o escultor teria uma fundição própria ou se havia uma prática de fundição artística na região da Bahia naquele período. Entretanto, ao investigar sobre as fundições no Brasil durante o século XX, percebe-se que as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo dispunham de tais espaços que absorviam a maior parte dessas produções no país (Oliveira, 2012).

O autor aponta um declínio no uso da técnica de fundição de grandes monumentos em bronze ainda em meados do século XX, possivelmente por questões de mudanças estéticas, surgimento e utilização de novos suportes de registros da memória, assim como o aumento de novas tecnologias e materiais. Para ele, esses pontos também contribuíram para o desinteresse pela preservação da técnica construtiva dessas grandes obras em bronze. Para Oliveira:

Muitas são, pois, as razões para se resgatar o conhecimento a respeito da fundição artística no Brasil. Podemos elencar, neste sentido, o significado de preservação da memória de grandes artistas que só puderam deixar registrado seu excepcional trabalho em gessos guardados nos porões dos diversos museus país afora” (Oliveira, 2012, p 25-26).

Ismael, por sua vez, continuou a fundir suas peças em bronze. Entretanto, curiosamente o acervo de obras hoje salvaguardadas na EBA/UFBA de autoria desse artista tem uma predominância em peças de suporte em gesso, algumas inclusive, com

a aplicação de uma camada pictórica buscando imitar a aparência de uma obra fundida em metal. Para esta pesquisa, não há dados relativos sobre o motivo pelo qual o artista guardou este material que, como visto, se caracteriza uma etapa do processo de elaboração para um produto final, ou mesmo como esse conjunto de obras tornou-se parte de um acervo na escola de Belas Artes da UFBA. Nota-se, porém, semelhante ideia de preservação de uma memória que permanece não em porções, como menciona o autor, mas em salas empoeiradas repletas de fragmentos com potencial para atender ao paradigma indiciário defendido por Ginzburg (1989). Estes fragmentos, portanto, contribuem para a construção dos itinerários e comprovação da presença do artista em um contexto de uma produção escultórica na Bahia.

Os itinerários do acervo de Ismael de Barros na EBA/UFBA

Como visto anteriormente, a vontade de preservar a memória histórica e cultural da Escola de Belas Artes culminou na formação de seu acervo material, que hoje está sob a responsabilidade do MAH/EBA/UFBA. Este acervo é composto por obras como pinturas, gravuras, aquarelas, esculturas, assim como as cópias e moldagens em gesso. Dentre essas peças, encontram-se as obras assinadas por Ismael de Barros.

Destaca-se que o acervo da EBA/UFBA pode se constituir também como uma relevante contribuição para a preservação da história da arte na Bahia, entretanto este conjunto de obras artísticas ainda está em processo de organização e só recentemente passou a fazer parte de um espaço dedicado a preservar essa memória. Dessa forma, ainda não há uma documentação organizada sobre as peças de modo geral e nem uma organização classificando as divisões do acervo em coleções, por exemplo.

No recorte proposto para esta análise (peças assinadas por Ismael de Barros), foi possível fazer um levantamento incipiente de obras com a assinatura do artista, resultando em um arrolamento total de 78 peças entre cópias, bustos, medalhões, placas, fôrmas e outros objetos sob a guarda da EBA/UFBA, com destaque para um número elevado de peças de suporte em gesso. Este número revela um acervo bastante expressivo comparado ao total de obras existentes na própria Gipsoteca da EBA/UFBA que tem pouco mais de 370 peças em gesso.

Quadro 1 - Relação de Ismael de Barros com a EBA/UFA.

Período	Relação com EBA/UFBA	nº peças
1918 -1930 (20 a 32 anos de idade)	Estudante	06
1931 (33 anos de idade) Caminhoá	Ex-estudante	01
1944 - 1965 (46 a 68 anos de idade)	Professor	20
1966 - 1985 (69 a 87 anos de idade)	Aposentado	37
Peças sem datas ou apresentam dúvidas da data		11
Total de peças assinadas por Ismael de Barros no acervo EBA/UFBA		78

Fonte: elaborada pelos autores

As obras datam desde 1918, período em que Barros tinha apenas 20 anos de idade, registrando obras produzidas pelo artista até 1985, período em que ele tinha 87 anos, esse recorte corresponde a 67 anos de produção do artista. É interessante observar que esse intervalo de tempo compreende três momentos da relação de Ismael com a própria Escola: aluno (1918 a 1930), professor (1944 a 1966) e ex-professor aposentado (após 1966).

As primeiras peças demonstram o que talvez sejam os primeiros passos do artista na modelagem. A primeira obra corresponde a um conjunto composto por uma fôrma de um pé esquerdo, juntamente com uma contra-fôrma e duas moldagens da peça em questão (figura 20). É interessante observar didaticamente uma parte das etapas de produção para a obtenção da peça final, que em geral é uma peça fundida em bronze, como visto nos exemplos citados anteriormente neste artigo.

Figura 20: Trabalhos em suporte gesso de Ismael de 1918.

Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores.

Outra peça, produzida em 1928 (figura 21), reflete exatamente a metodologia de ensino clássico baseado na reprodução de cópias de obras vindas da Europa, o que demonstra que o escultor foi formado a partir dessa prática empregada na escola. Assim foram criadas as primeiras peças assinadas pelo artista sob guarda do MAH/EBA/UFBA.

Figura 21: A esquerda moldagem em gesso de Voltaire origem França/à direita cópia com assinatura de Ismael de Barros de 1928.



Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores.

É relevante observar que o desenvolvimento do trabalho de Ismael de Barros, em particular, não representa apenas sua habilidade técnica ou as práticas metodológicas empregadas no ensino das artes entre os séculos XIX e XX, mas também reflete sua conexão com a história sociopolítica e cultural da Bahia. Suas representações registram personalidades de destaque, principalmente na Bahia do século XX. Entre os retratados possíveis de serem identificados estão personalidades como o escritor Jorge Amado, Zélia Gattai, Henriqueta Catharino, Presciliano Silva e políticos como Antônio Carlos Magalhães, Octávio Mangabeira, Luiz Viana Filho e Ruy Santos. Entretanto, devido à falta de documentação, muitas outras figuras ainda não foram identificadas.

Embora o conjunto de obras em si represente um documento histórico relevante, há escassez de informações sobre o processo de formação desse acervo. Os relatos e as análises apontam para uma incorporação em etapas das obras ao acervo geral da EBA/UFBA.

Cronologicamente, a constituição do conjunto de obras pode ser entendida a partir de quatro marcadores temporais relacionados à trajetória de Ismael na instituição. O primeiro momento está ligado ao período de sua formação, com um conjunto de seis

peças produzidas enquanto ele era estudante da Escola. Contudo, não é possível afirmar se essas obras permaneceram na posse da instituição desde então, deixando dúvidas a respeito do início da formação do acervo referente a Ismael de Barros.

O segundo momento compreende a participação de Ismael no Concurso Prêmios Donativo Caminhoá em 1931, quando ficou em primeiro lugar na modalidade de escultura. De acordo com o “Boletim das provas de esboço dos concursos do legado Caminhoá para as seções de pintura e escultura” de 12 de outubro daquele ano, Barros executou uma obra com a temática sorteada “13 de maio”, pela qual a Escola pagou a importância de cinco contos e seiscentos mil réis como consta o recibo²² para a aquisição da escultura vencedora. Dessa forma, essa obra passou a pertencer ao acervo da EBA/UFBA.

Não se sabe exatamente como se deu a circunstância da entrada de outras peças assinadas por Ismael que pertencem ao acervo. Contudo, o documento denominado “Levantamento do acervo artístico da Escola de Belas Artes”²³ registra 309 peças artísticas da Escola em diversos suportes, onde são encontradas 51 obras atribuídas ao escultor Ismael de Barros. Este pode ser considerado um outro momento que indica a formação de um acervo de obras produzidas pelo escultor e que estão sob guarda da Escola. Vale ressaltar que este é um dos poucos documentos que atestam a existência das obras na instituição.

A quarta e última possível via de formação de acervo de Ismael de Barros na EBA/UFBA que se tem conhecimento data de 2007²⁴, momento em que houve uma doação de um conjunto de obras com peças do escultor e seu pai Agripiniano. Esta doação foi feita por iniciativa de um dos sobrinhos do artista, Ângelo Decânio, que na época entrou em contato com a Instituição para a cessão das obras. A doação se caracterizou em um volume pequeno e afetivo de obras, com representações de seus pais tanto em medalhões como em fotografias, cadernos de anotações pessoais, instrumentos de trabalho como compasso, régua e esquadros.

No esforço para traçar uma cronologia para formação e conhecimento do acervo, é notório que esta construção está intrinsecamente ligada à relação do artista com a própria EBA, desde a fase enquanto estudante até o período posterior à sua

²² Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA, Envelope nº 8, Prêmio Caminhoá - 1918 a 1965.

²³ O levantamento refere-se às obras artísticas da Escola, distribuídas em diversos suportes, como tela, papel, madeira e gesso, entre outros. O documento não apresenta a data de sua realização, a obra mais recente registrada data de 1996, o que sugere que o trabalho foi realizado em meados da década de 1990.

²⁴ Relato cedido em 27 de agosto de 2024 pela Rosana Rocha Baltieri, ocupante do cargo restauradora-área da EBA-UFBA, tratando da doação feita pelo Ângelo Decânio, sobrinho de Ismael, em 2007.

aposentadoria, como ex-professor da instituição. Apesar dos dados coletados as lacunas deixadas pela ausência de informações suscitam uma incongruência entre os rastros encontrados e a realidade do atual acervo, divergindo também no quantitativo das obras.

Os rastros indicam a existência de cerca de 61 obras, número que contrasta com as 78 peças registradas no levantamento recém realizado para esta pesquisa. Essa divergência evidencia a necessidade de aprofundar a análise e organizar a documentação para compreender a totalidade do acervo. Além disso, verificou-se a existência de outras obras de Ismael fora dos limites da própria EBA encontradas em outras unidades da UFBA. Vale destacar também as fundições em bronze localizadas em diversos espaços da cidade de Salvador, que são correspondentes a algumas das obras pertencentes à EBA, o que reforça a importância de investir em ações que ampliem o entendimento sobre o conjunto das obras. Outro ponto que merece importância é que, apesar de extenso, o conjunto das obras de Ismael é pouco divulgado, sendo desconhecido pela própria comunidade da EBA/UFBA nos dias atuais.

A partir das análises aqui apresentadas, é possível inferir alguns aspectos relevantes da produção artística de Ismael de Barros. Observa-se que com o passar do tempo a falta de sistematização das informações sobre o artista e suas obras na atualidade tem contribuído para um processo de apagamento dessa figura importante para a história da UFBA. Não há um levantamento da quantidade de obras do escultor nas diversas unidades acadêmicas e, quando há, nota-se a dificuldade em atribuir a sua autoria.

Ressalta-se que em vida Ismael foi reconhecido e homenageado por suas contribuições à arte e à educação, recebendo o título de professor emérito da UFBA em duas ocasiões, em 2 de dezembro de 1966²⁵ e novamente em 9 de fevereiro de 1981²⁶. Também foi homenageado e retratado por seu colega e amigo Emídio Magalhães, cuja pintura traz o escultor com um semblante sereno, segurando em uma das mãos uma esteca, seu instrumento de trabalho, que por vezes eternizou rostos de familiares, amigos e diversas pessoas das quais ele retratou ao longo da sua vida (figura 22). Tais homenagens de certa forma representam o reconhecimento da época sobre o que deveria ser o seu lugar na história da instituição.

²⁵ Ata da Sessão do Conselho Universitário realizada no dia 2 de dezembro de 1966. Disponível em: <https://cparq.ufba.br/ata-da-sessao-do-conselho-universitario-realizada-no-dia-2-de-dezembro-de-1966>. Acesso em: 13 out 2024.

²⁶ Ata da Sessão do Conselho Universitário realizada no dia 09 de fevereiro de 1981. Disponível em: <https://cparq.ufba.br/ata-do-conselho-universitario-realizada-em-09-de-fevereiro-de-1981>. Acesso em: 13 out 2024.

Figura 22: Pintura de cavalete autoria Emídio Magalhães retratando Ismael de Barros



Fonte: Acervo EBA/UFBA. Foto dos autores.

Até o momento da conclusão deste artigo verifica-se uma lacuna sobre um pequeno espaço da vida de Ismael de Barros equivalente a oito anos, visto que das obras analisadas a data mais recente é de 1985. As investigações apontam que ele faleceu em 27 de abril de 1993, porém, como bem destacou Amado (1945), permanecendo na forma de uma extensa produção que em 1978 já somava “cerca de mil esculturas entre bustos e baixo-relevo” (Brito, 1978, p. 3)²⁷. Este artigo se configura também como um esforço para homenagear este homem que, de certa forma, dedicou uma parte de sua vida a homenagear outras personalidades.

Considerações finais

As análises presentes neste artigo concentraram-se principalmente na trajetória artística de Ismael de Barros, tendo como ponto de partida o conjunto de obras pertencentes ao acervo da Escola de Belas Artes da UFBA. A pesquisa revelou que, apesar de uma vida longa e produtiva, Ismael não possui atualmente a devida valorização institucional.

²⁷ Jornal A Tarde, 22 de julho de 1978, pág. 3, caderno 2, Nº 21.788.

A investigação possibilitou ampliar o entendimento sobre a trajetória institucional, social e artística de Ismael, contribuindo para preencher algumas das lacunas suscitadas inicialmente. Como resultado obteve-se contribuições importantes, a exemplo da identificação de algumas representações de suas obras em gesso no acervo da EBA/UFBA e a realização de levantamento inicial do quantitativo de obras sob guarda da instituição.

Por meio desse conjunto de obras aqui analisado, observou-se também a existência de potencialidades de novos estudos no acervo em suporte de gesso, distante dos padrões das moldagens clássicas europeias trazidas no século XIX. Sob essa perspectiva, defende-se aqui que os objetos de gesso não mais fiquem relegados aos depósitos das instituições de ensino, dados ao abandono e esquecimento.

Tais objetos que permanecem na EBA/UFBA, feitos para serem apenas uma parte do processo de produção da obra, mesmo não se configurando como produtos artísticos finais, possibilitaram aqui o estudo da trajetória de vida de Ismael. Contudo, podem contribuir também para o desenvolvimento de outras pesquisas voltadas para o estudo de materiais, estilos e técnicas artísticas, metodologia e práticas de ensino no campo das artes, história das artes visuais, entre tantas outras formas de desenvolvimento do conhecimento científico, estimulando o debate sobre qual é o real papel da arte e do patrimônio no campo acadêmico.

Apesar de ser um artista formado nos cânones do ensino clássico de arte, nota-se na produção de Ismael de Barros elementos que dão singularidade e personalidade aos traços do escultor. Analisar essa figura possibilitou (re)conhecer que a sua amplitude é muito maior do que os limites da Escola de Belas Artes, e imprime uma volumosa produção espalhada pela cidade de Salvador, com mais de mil trabalhos executados no curso da sua longa trajetória.

Se atualmente Ismael não é tão reconhecido por seus feitos, no passado desempenhou um papel crucial na história social, política, acadêmica, contribuindo para a formação de gerações de artistas baianos. Sua obra, preservada no acervo da instituição, pode se caracterizar como um ponto para inspirar e enriquecer o campo científico, artístico e cultural da Universidade. Ressalta-se que o estudo da trajetória de um artista e professor da UFBA contribui para a valorização de uma memória institucional e reconhecimento de possíveis patrimônios culturais universitários.

(Re)descobrir Ismael e sua obra, indica que há um longo caminho a ser trilhado nas instituições de ensino superior para a gestão e organização dos seus diversos

acervos. A criação de uma documentação estruturada e uma classificação formal das peças em coleções específicas já seria um passo essencial para auxiliar o reconhecimento, a preservação e o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o acervo institucional.

Essa pesquisa possibilitou também outros desdobramentos, como reconhecer a obra do artista em outras unidades da Universidade, criar possibilidade de diálogos com outras áreas institucionais também interessadas em conhecer sua própria história através dos seus acervos. Uma pesquisa que se desenvolve a partir de um setor técnico da Universidade, aliando discentes e servidores técnicos, buscando conciliar o tripé base da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Por fim, a pesquisa destacou a importância de envolver discentes na produção do conhecimento científico, buscando promover também a valorização de uma memória institucional da UFBA. Assim, a trajetória de Ismael de Barros não apenas enriquece o campo artístico, mas também convida à reflexão sobre o papel da arte e do patrimônio na academia, abrindo caminho para futuras investigações e colaborações interinstitucionais.

Referências

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador**. São Paulo: Martins, 1945.

BALTIERI, Rosana Rocha. **Histórias e técnicas de conservação e restauração de obras clássicas em gesso**. Salvador: EDUFBA, 2019 131p. il.

BRITO, Reynivaldo. **Agripiniano Barros**. *Jornal A Tarde*, 22 de julho de 1978, pág. 3, caderno 2, Nº 21.788. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB).

BOURDIEU, Pierre. **Algumas propriedades dos campos**. In: *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 119 –126.

CAIM. Hans Ulrich. **WozuGipsabgüsse**. Museum für Abgüsse Klassischer Bildwerke München; [s.d]. Disponível em: <https://www.abgussmuseum.de/de/wozu-gipsabguesse-0> Acesso em: 13 set 2024.

FATH, Telma Cristina Damasceno Silva. **O processo de legitimação da fotografia no campo da arte e sua repercussão na Bahia**. Salvador, 2020. 311 f.: il. Tese (Doutorado – Artes Visuais). Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, 2020. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/tese_a_legitimacao_da_fotografia_n_o_campo_da_arte_e_sua_repercussao_na_bahia.pdf. Acesso em: 31 ago 2024.

FERNANDES, Cybele Vidal N. **Moldagens em gesso das esculturas clássicas: as coleções acadêmicas e o caso da aiba/enba nos séculos XIX e início do XX**, 200-210 p. In *Seminário do Museu D. João VI*, 2018: Rio de Janeiro, RJ. Anais eletrônicos do IX Seminário do Museu D. João VI: pesquisa sobre os acervos do Museu D. João VI e do Museu Nacional de Belas Artes / Organizadores Alberto Martín Chillón. [et al.]. Rio de Janeiro: NAU, 2019. 281 p. Disponível em:

https://entresseculos.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/06/anais-ix-seminario_eba_cap_16.pdf. Acesso em: 14 out 2024.

FERRANTE, Roselene de Souza. Entre “deuses de bronze” e “homens de papel”: análise das obras do escultor italiano Pasquale De Chirico em Salvador (1906-1944). 2014. 272 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1623679>. Acesso em: 25 set 2024

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Raízes da arte moderna na Bahia/Brasil**. Número 1. Reprises. 2011, 21p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/artelogie/8767>. Acesso em 18 dez 2024.

FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. **O acervo cultural da Faculdade de Medicina da Bahia - Primaz do Brasil**. Salvador, 2017. 92 f.: il. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25414>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GINZBURG, Carlo. **Sinais**: Raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, Emblemas e sinais. São Paulo. Cia das Letras, 1989. P. 143 – 180.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBqdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2024.

OLIVEIRA, Gilberto Habib de. **Um olhar sobre a fundição no Brasil**. In: Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação, Tecnologia. Serviço Social da Indústria (São Paulo); Prefácio de Gilberto Habib de Oliveira - São Paulo, SESI-SP editora, 2012. 191 p. il.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

QUIRINO, Manoel Raymundo. **Artistas baianos**: indicações biográficas. 2ª Edição, Salvador, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1911.

RIBEIRO, Emanuela Sousa; SEGANTINI, Verona Campos; GRANATO, Marcus. **Museus e patrimônio cultural universitário**: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. In: In: ARAÚJO, B. M. de, SEGANTINI, V. C., MAGALDI, M., HEITOR, G. K. M. (orgs). Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios. Recife: Ed. UFPE, 2019. p. 51-65. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/138/170/491>. Acesso em: 11 out 2024.

TORRES, Otávio. **Biografia resumida dos professores da Academia e da Escola de Belas Artes da Bahia, desde sua fundação, em 1877 até 1955**. Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. (AHEBA/UFBA).

TOUTAIN, Lídia Brandão; CRUZ, Joseane Oliveira da. **Relatório parte 1. Mapeamento no acervo da Universidade Federal da Bahia**: sob a ótica artística e cultural – bens materiais e imateriais. Salvador, CPARQ, 2023.326 p. il. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37218>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de milagres**: um estudo sobre arte genuína. Sociedade Gráfica Editora Vida Doméstica Ltda, Rio de Janeiro, 1967.